

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte	
Anno ou 24 numeros 25000	Trimestre ou 6 numeros 5650
Semestre ou 12 numeros 15300	N.º avulso ou pago á entrega	5120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS			
Anno ou 24 numeros 35000	Semestre ou 12 numeros 15500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 30

15 DE MARÇO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO—A França e Julio Grévy, LATINO COLIHO — José Feliciano de Castilho, X. RODRIGUES CORDEIRO — As nossas gravuras — Africa, Os Zulus do Sul — Ketchuayo, ALBERTO DE CERVAES — Actualidades scientificas, A lua será habitada? C. FLAMARION—Cannibalismo n'um comboio, CUNHA E SÁ — Bibliographia.

GRAVURAS. — A Puberdade, estatua de Simões d'Almeida — Visconde de Santa Thereza — José Feliciano de Castilho — Expedição d'Obras Publicas de Angola — Dois amigos — Bolama, capital da Nova Guiné portugueza — Ketchuayo rei dos Zulus — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

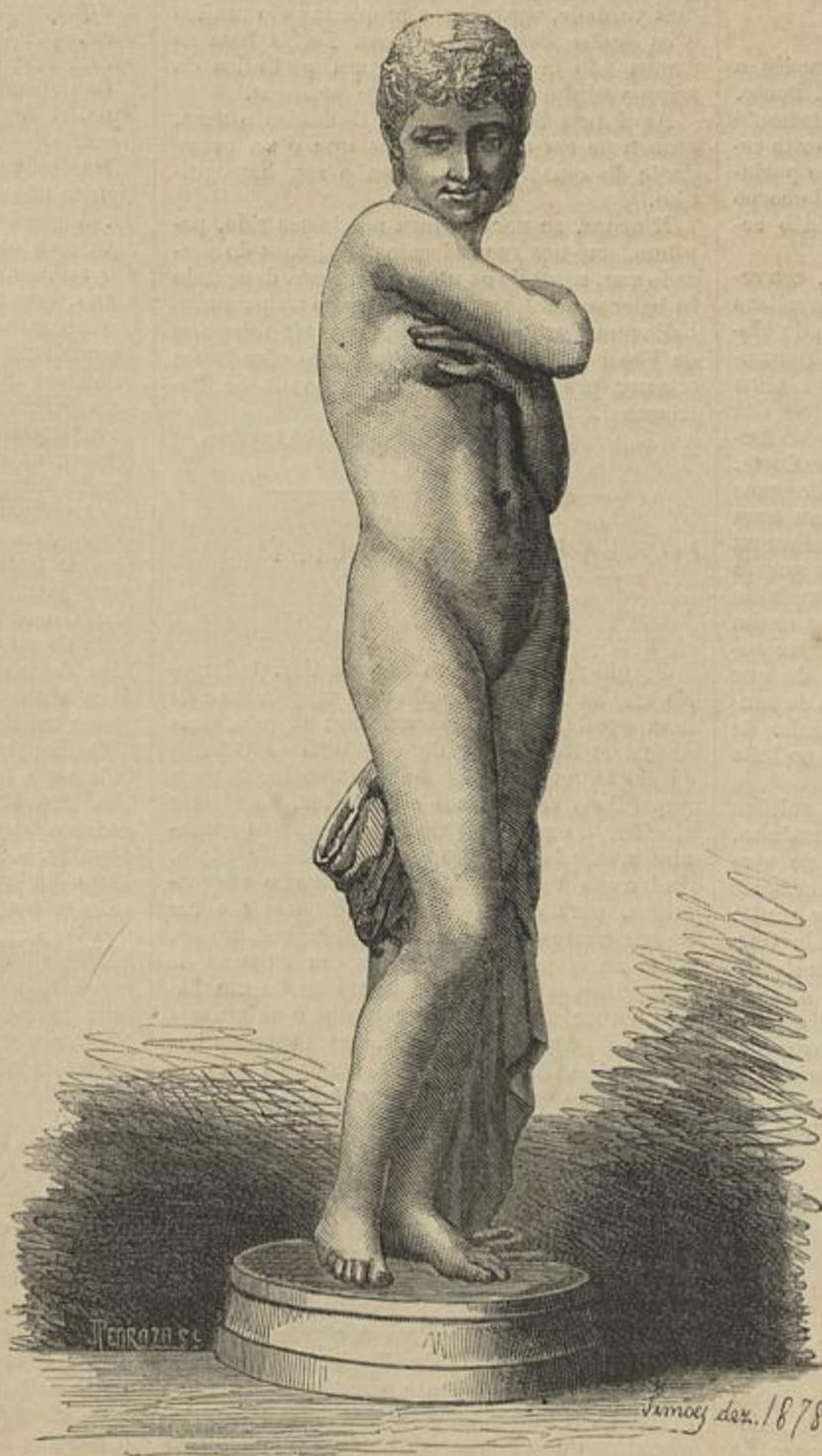
As andorinhas chegaram, e tristes d'ellas! a poesia lyrica portugueza não lhes consagrou d'esta vez as merencorias allocuções que ha muitos annos, em bons tempos que já lá vão, constituíam a melhor riqueza dos semanarios de instrucção e recreio!

Se as pobres aves em vez de procurarem os velhos ninhos que deixaram suspensos nos beirados dos cazebres ou nas cornijas dos mosteiros, viessem unicamente procurar os srs. ministros, n'esse caso a sua chegada não deixaria de ser annunciada com o estrepito com que de ordinario se apregoa a d'aquelles que, em vez de serem um assumpto de trovas, são um manancial de cortezias: assim, bem se importa o publico com as pobres nuncias da primavera!

Feliz o tempo em que as andorinhas eram conhecidas por este pseudonimo nas espheras da sensibilidade nacional!

A primavera rolando pelo espaço translucido no seu carro de ouro, chegou já tambem; entretanto quem faz caso da risonha estação tão propicia para a bonina que brota na encosta, como para a que brota da eloquencia parlamentar? É certo que ainda ha um ou outro sentimentalista que

BELLAS-ARTES



A PUBERDADE (Estatua de Simões de Almeida, premiada na Exposição Universal de Paris em 1878)

(Desenho do mesmo auctor)

a vae namorar ao Aterro das duas ás quatro da tarde, entretanto esses vão sendo cada vez mais raros! A primavera e o outono são duas estações que se estão usando muito pouco na boa sociedade. Na baixa ainda teem um certo consumo, á maneira d'aquelles colletes de veludo salpicados de raminhos que se desenrolam como o estandarte da pacatez nos ventres da burguezia sensata, entretanto a gente que traça bem, a que frequenta o Gremio, a Havaneza, S. Carlos está gostando muito pouco da estação das flores e da quadra da melancholia.

Havendo pois n'este momento em Lisboa um sobreceleste de primavera avisa-se os senhores consumidores da provincia, de que se satisfazem quaesquer requisições d'este artigo de poesia no caso possível de não chegar para as exigencias dos corações do Algarve e das duas Beiras a que a Providencia tiver este anno exportado para lá.

N'este momento os debates parlamentares absorvem todas as atenções, podendo affirmar-se que abril foi completamente vencido pelo sr. visconde d'Arriaga. A turba elegante vae todos os dias depois das tres da tarde colher flores de rhetorica á colina de S. Bento e as violetas que se trazem na carcolla, segundo ha dias affirmava um órgão da politica militante, não são já as modestas florinhas dos jardins; são as pomposas phrases dos grandes oradores; phrases que se repetem, que se afagam, que se põem em jarras nos salões e em camadas de respeito na memoria, passeiando-as previamente no andor do Senhor dos Passos pela ruas da cidades, a fim de que as multidões ajoelhem diante d'ellas e os descrentes por cortezia lhes tirem os chapéus.

A questão da Zambesia é sempre e eternamente o

grande assumpto da actualidade. A discussão sobre este thema divertida tem sido de tal fórma proficiente, as investigações de tal maneira profundas, que já se chegou a averiguar que o sr. Thomaz Ribeiro não é propriamente o rei Cetewayo, não só por que o odio que o illustre ministro da marinha vota á Inglaterra é muito mais cortez do que o do rei dos zulus, mas tambem por que não está completamente apurado que aquelle distincto e aguerrido selvagem seja o auctor do relatório do registro civil.

Responda-me o leitor, entretanto, á pergunta cheia de sinceridade que eu tenho a honra de lhe fazer em meu nome e em nome de alguns benemeritos geographos do paiz:

Qual é a distancia que vai de Tete ao Zumbo?

Eis o problema! Desde que n'este abençoado torrão se dorme á sombra d'essas duas arvores sympathicas, — a da liberdade e a das laranjas, nunca na tela do debate foi posta uma questão de tanta magnitude! O systema constitucional, de compasso em punho, não tem feito nos ultimos dias senão tomar medidas sobre o mappa, e o poder executivo já, n'um arrojado de fantasia, se lembrou de convidar o poder legislativo a acompanhá-lo ao Zambeze, aonde, munidos ambos das precisas indicações — incluindo um cordel, marcariam definitivamente a distancia ignorada.

O paiz teria tudo a esperar da partida d'estes dois poderes do estado para as costas d'Africa.

— Os theatros vão soffrendo resignados a concorrência que lhes faz a scena de S. Bento. Os camarotes á noite apparecem tristemente despovoados, e as platéas em grande parte ermas d'espectadores, mas as tribunas do parlamento, desde a do quarto estado até á do corpo diplomatico, vergam ao pezo da multidão sequeirosa dos torneios da palavra.

E quando os gladiadores, em baixo, convenientemente ungidos, com oleo d'amendoas doces na cabeça, se medem nas justas da eloquencia constitucional, os peitos offegantes comprimem-se, as respirações retraem-se e a alma dos espectadores vòta suspensa da palavra dos tribunos, desde a secretária de pinho de Demosthenes até ao throno do sr. Francisco Costa.

D'aquelle festim de hyperboles e de imagens mais ou menos pittorescas, todos trazem uma ou outra recordação indelevel. Uns colheram a verdade definitivamente conquistada para a sciencia, de que um hecetar é pouco mais ou menos do tamanho do Rocio, pois que assim o juram pessoas de toda a circumspecção; outros vêm profundamente convencidos de que todo aquelle que fôr á Africa, possuido de santas convicções, pôde, com um bocadinho de paciencia, vêr nascer arvores seculares no leito dos rios!

Não se pôde dizer que a eloquencia politica em Portugal não haja feito o seu caminho. Tem-se construido tantos kilometros de vias ferreas como de rhetorica pueril e, a contar de 1852, á custa de muitos esforços e de muito boa vontade, conseguimos chegar desde Garret e José Estevão até ao amigo Banana!

O acto adicional, embelezado com o deficit e com o sr. Carrilho, encerra em si quanto basta para fazer a felicidade de um povo. Não é preciso nem mais sciencia, nem mais sinceridade, nem mais virtude. O que o paiz tem é fome de tropos. Vamos; atiremos mais alguns discursos ao leão popular!

— Sobre as franquias theatraes e sobre a liberdade da scena, garantida pelo codigo civil, peza uma ameaça tremenda. Um digno par do reino, cujo nome devemos escrever para que as bambolinas e bastidores offendidos na sua castidade e decoro lhe vão agradecer ao governo civil, o sr. D. Luiz da Camara Leme, propoz a censura previa, moral e politica, para as obras dramaticas, no que foi apoiado calorosamente pelo digno par o sr. marquez de Vallada.

A censura moral e politica? Sem offensa aos dignos legisladores: S. ex.^{as} para governo dos dramaturgos e do censo commum, teem a bon-

dade de explicar por miudos no *Diario do Governo* qual é o seu pensamento!...

Estarão porventura suas castas ex.^{as} persuadidos de que a *Dama das Camélias*, o drama mais pernicioso e mais immoral que os dignos pares teem applaudido na sua vida, representado pela sr.^a Emilia das Neves á palhinha compungida das cadeiras do theatro normal influe, d'uma fórma mais pernicioso nos costumes publicos, do que Margarida Gauthier posta em romance e santificada em folhetim, para delecte de vinte mil donzellas impolutas — por dia?

Eis a primeira correção soffrida por Alexandre Hereulano, o illustre e profundo collaborador do codigo civil! Resta-nos agora que o virginal e immaculado *par* prosiga ávante e torne a collocar o milagre d'Ourique na historia de Portugal. Com boa vontade, um projecto de lei e o auxilio da policia civil tudo se consegue.

— A chronica já vem tarde para fallar da cerimonia bysantina da investidura do *Tosão d'Oiro*, que parece não ter merecido o acatamento profundo de mais d'um folhetinista illustre. É certo que para os brios nacionaes valia mais que a Hespanha deixasse de depender na forca um infeliz propheta portuguez, do que de depender um pequenino cordeiro d'Oiro ao pescoco do sr. presidente do conselho: mas verdade, verdade, os prophetas são muitos e os *Tosões d'Oiro* são poucos. Feitas bem as contas não devemos talvez aos patibulos do reino vesinho menos de vinte pescocos.

Aqui tem Sua Magestade Catholica o meu, para ficar em dezenove. Mas que o sr. presidente do conselho fique com o seu borreguinho.

E agora, se por ventura nos temos rido, penitenciem-nos meus irmãos. Fugamos do peccado que, segundo os noticiarios, está dançando os boleros nos Recreios, encarnado na primeira bailarina Fuentesanta, e vamos ouvir o *Requiem* de Verdi a S. Carlos, se n'isso não offendemos o amor proprio dos srs. sopranos da Sé Patriarchal.

GUILHERME D'AZEVEDO.

A FRANÇA E JULIO GRÉVY

II

Seguiu-se o cesarismo napoleonico. O imperio era na fórma a dominação vilipendiosa de uma espada. Era na essencia um aspecto, uma phase de Revolução. Para castigar os Cesares de Roma na sua derradeira abjecção, desçam impetuosos os Alaricos e os Atilas. Para fazer ajoelhar no pó as dynastias arrogantes empunhe a espada vingadora o primeiro Napoleão. Oh! como é consolador para os fracos e opprimidos, para os miseraveis e humildes o ver os reis e imperadores, uns fugindo pressurosos, como se dispersa velozmente um enxame de mosquitos diante de um aceno ou de um bafejo, os outros caindo reverentes e submissos diante do corso aventureiro, agora coroado imperador! A Revolução para depôr os reis de França não confia a ninguém o seu mandato. Em pessoa lhes desata dos hombros a magestosa vestidura. Mas para humilhar os estranhos potentados é necessario que a Revolução descubra entre as fileiras triumphantes o soldado mais feliz, e pondo-lhe na mão o sceptro, o globo, a *framae*, o amede recrutar os seus pagens e archeiros na amedrontada turba dos dynastas.

O imperio é para a França e para o mundo uma vingança e uma desillusão. A Revolução tinha ferido mortalmente a antiga realza hereditaria. O imperio sepultado em Waterloo demonstrou que a monarchia era impossivel, ainda mesmo disfarçada, pela ficção predilecta do cesarismo, na espontanea delegação da soberania popular.

Depois do imperio, ainda os Bourbons. As

dynastias são como as raças condemnadas. Antes que desapareçam totalmente, vestem as suas antigas armas, para tentar a fortuna dos ultimos combates. A sua restauração é o apparato antecipado das suas solemníssimas exequias. A Revolução renasce em julho e os Bourbons sumiram-se para sempre arrojados para longe da França democratica pelo sópro da Revolução.

Agora a monarchia burgueza, a realza meio hereditaria e meio popular. Surge agora Luiz Philippe, um Bourbon de *blouse* e laço tricolor; — um sacrilegio ou uma irrisão. N'um rei o fazer-se plebeio é mentir ao officio e á tradição da sua raça. O rei é como o grão-Lamma. E' preciso que o não vejam e o julguem immortal, divino, superior ao direito, á razão, á humanidade. E' uma illusão de optica, um mytho, uma ficção. Ai d'elle se chegam a descobrir, vendo-o de perto, que o sceptro é apenas uma canna mal dourada, e o manto uma tela descomposta, cujos remendos no fundo hereditario foram cosidos, como na veste burlesca de um jogral, pela agulha caprixosa da Revolução.

Entre a *chlamyde* de Luiz xiv e a toga de um cidadão, não ha transição, nem termo médio. Não há senão dois governos serios, logicos, possiveis. O absolutismo, ou a Republica. O absolutismo para as edades em que a razão está na infancia. A Republica para os tempos, em que resplende a luz intellectual. Ou um senhor, que impere sem rival, ou cidadãos que vivam sem senhor.

Os Orléans seguem no exilio a sorte dos Bourbons. A Republica renasce das cinzas da monarchia.

Mas a lenda funestissima do imperio napoleonico não estava ainda totalmente condemnada. A gloria militar da França cesariana dourava com os seus reflexos enganosos as cumieiras sociaes. A vaidade é tão natural e tão humana, que nem as grandes nações e os grandes homens se podem emancipar d'este senão. Reconstruir o imperio affigurava-se o processo infallivel de restaurar a magestade e a grandeza da França. Foi providencial e necessaria a nova dominação do cesarismo. Os erros, os crimes, as devassidões, e as miserias do segundo imperio empanaram o epico esplendor aos trophéos e ás glorias do primeiro Napoleão. Dissipou-se a miragem enganosa com o desbarato de Sedan. Estava demonstrado que o imperio já não podia pagar ao menos com a victoria o salario a uma nação avassallada ao nuto do supremo dominador. A lenda napoleonica deixava de ser o mytho religioso de um povo embevecido nos sophismas cruentos da gloria militar.

Os Bourbons symbolisavam a oppressão, os Orléans a hypocrisia, os Bonapartes a usurpação. Tres dynastias para sempre excomungadas e banidas da affeição ou da tolerancia popular. A França estremeçada pelo embate violento dos antigos vencidos de Iena, agora vencedores em Gravelotte e em Reichshofen, acordon da sua larga e funesta somnolencia onde o sonho dos loiros imperiaes lhe fizera esquecer a liberdade. Perdera a gloria do soldado, mas lucrara a honra do cidadão. A França prostrada um momento no campo das suas batalhas infelizes, não podia consagrar os arcos triumphaes ás suas victorias, mas levantava-se convertida á liberdade e ao governo popular. Oh! mil vezes abençoados os revezes, que lhe serviram de expiação e de baptismo para converter-se finalmente á honesta democracia!

Apenas está fundada a Republica franceza, entregue á direcção de um velho monarchista, devotado desde então á idéa democratica, a tormenta não cessa de rugir em volta do baixel ainda inseguro, onde vai navegando entre parces a França e a liberdade. A audaz confederação de todos os cultores e entusiastas do passado, alcança precipitar das eminencias do poder o cidadão illustre e benemerito, a quem a patria devera a sua milagrosa restauração. Ao cerebro possante de Thiers succede na presidencia a espada suspeitosa de um velho marechal bonapartista. A toga civil, em cujas pregas

se agasalha e guarece a liberdade, o sago militar, que pode ser a mortalha da Republica. Mas a providencia historica registra nos fastos das nações os seus milagres. Já os inimigos da causa democratica entoam pelo mundo o hosanna festival da realza. Já os reis da Europa tem a ponto cheias e espumantes as taças douradas, com que hão de brindar á proscricção d'esta heresia intoleravel, que se chama a liberdade e o direito popular. Já se aprestam a mandar a Reims os seus embaixadores assistir á sagração do herdeiro de S. Luiz. Mas a França tem outra vez um povo como nos dias mais florentes da primeira Revolução. O mesmo entusiasmo, a mesma fé. Mas em vez de fanatismo, que se engana e precipita, a razão que medita e avança com prudencia e com vigor. É o mesmo povo. Mas em lugar do chuço e da partasana, é agora o suffragio e a opinião. Já não toma em assalto sanguinoso o exccrando recinto da Bastilha. Mas intima victorioso a redicção aos que no fastigio do poder tem na mão o facho incendiario, com que sepultar a liberdade nas ruinas fumegantes da Republica. O poder submete-se primeiro, demitte-se depois. Está cumprida a solemne intimação do tribuno eloquente. Os pequenos Titães, envergonhados da lucta ingloria, encolhem-se e retiram-se diante do colosso da Republica, e levam a certeza dolorosa de que já não podem contra ella nem os meneos, nem as armas das facções liberticidas.

A Republica é desde então a ordem, a paz, a segurança, a liberdade, a mutua confiança dos cidadãos. A esta phase da sua evolução, preside Julio Grévy, um homem benemerito, que não tem outra genealogia senão a dos seus honrados feitos civicos, um chefe, cujo titulo é a authentica vontade popular, um supremo magistrado, que não precisa de apparatus e insignias theatraes para que possa dignamente representar a magestade augusta da nação. Este homem, que não vem dos Capetos, nem dos Valois, que não traz inquinados os seus pacificos laureis pelo sangue das batalhas, nem rojou a sua tunica pela vasa das facções violentas e ferozes, este homem singello no seu trato, modesto nos seus habitos, reportado nas suas ambições, este homem, que nem é Cromwel, nem Robespierre, nem Bonaparte, mas um espirito sincero e devotado á Republica pacifica, honesta, moderada, symbolisa na suprema eminencia a que o exalçou o voto da nação, o immenso, o glorioso progresso realiado politicamente pela França, depois dos maximos desastres, em que o imperio estivera a ponto de afundil-a, e de que a levantou novamente robusta e juvenil o prestigio milagroso da Republica.

LATINO GOELHO.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

I

Bem como o nordeste com as suas ondas impetuosas, varrendo a campina, derruba e quebra inclemente os arbustos mais altos que ali se levantam, tambem do mesino modo o Tempo, com a sua foice mortifera, pairando sobre as nações, abate d'espaco a espaco as cabeças que mais altas se erguem n'um povo. Assim, quasi ao mesmo tempo, cahem Teixeira de Vasconcellos e Cunha Rivara; assim cahiu José Feliciano de Castilho.

Fallemos d'este, de quem hoje a empresa do OCCIDENTE apresenta o fiel retracto, copia de uma photographia novissima, e fal-o-hemos rapidamente, porque nos reservamos para mais tarde lhe pagarmos maior tributo da nossa admiração.

O conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, que victima de uma meningoencephalite falleceu no Rio de Janeiro em 11 de feveiro ultimo, não contando ainda 67 annos, era um homem de tão grande estatura moral, que pertencia quasi igualmente a dois paizes. Era filho de Lisboa, nascera entre nós, e distanciado da patria por duas mil leguas

desde 1847, nunca deixou de sentir, vivo no coração, o amor da terra em que viu a luz do mundo; residindo no Brazil desde os 33 annos, amava-o como patria adoptiva, pugnava pelos seus interesses, auxiliava-o com os primores da sua penna, e collocava-se ao lado do governo sempre que este precisava do seu conselho e do seu apoio para esclarecer a opinião desvaída. Um brasileiro não faria mais.

Não somos nós que o dizemos, que não temos auctoridade para tanto. Disse-o entre as violentas sensações que produz a dor e a saudade, ao vermos, prostrado e sem vida, diante de nós o ente que amavamos, o sr. Franklin Tavora, um brasileiro, dirigindo-lhe o ultimo vale ante a sua sepultura, na presenca de um préstito numeroso, em que se viam representadas todas as classes da sociedade.

«Não são as nossas letras, dizia elle, as unicas devedoras de relevantissimos serviços a Castilho. Eguaes serviços, senão maiores, lhe deve a causa publica no Brazil, prestados em varias das difficeis conjuncturas que constituem a corrente em que se enlaça, e sob cujo pezo muitas vezes cahe vencida a publica administração.»

«Se a maledicencia não raro achou em que cevar a sua sanha, fazendo de Castilho a sua victima, a verdade, manifesta a todas as vistas, é que a penna habilissima de Castilho, explicando os factos, discutindo theorias, restabelecendo principios, confutando falsas asserções, mais de uma vez salvou o governo de injustas sentenças da opinião transviada, e a ordem publica de perturbações eminentes.»

Falle uma vez por todas a questão do Elemento servil, ou a defeza do Projecto para a gradual abolição da escravatura, que elle estudou, que elle auxiliou, que elle apostolou, que elle defendeu, luctando com as resistencias, que a má vontade e os interesses feridos de muita gente alimentavam, e o Brazil, a cujas escólas elle havia offerecido a *Selecta do Iris Classico*, a cuja historia, artes, letras e sciencias elle havia dedicado o periodico *Iris*, e em cujos jornaes, elle tinha por tantas vezes, defendido a sua autonomia e os seus direitos, viu nos pamphletos da *Questão do dia* apparecer um portuguez, que, sob o pseudonimo de *Cincinnati*, pela exposição da verdadeira doutrina, pelos recursos do seu brilhantissimo talento, pelo cerrado da sua argumentação, defendendo a causa da liberdade, levava de vencida athletas de pulso. O *Cincinnati* era elle.

Do seu amor a Portugal, durante o tempo em que residiu no Brazil, sobram documentos.

Em 26 de novembro de 1856 publica o *Correio Mercantil* uma correspondencia affrontosa para Portugal, e na mesma folha, em tres artigos successivos, apparece nos dias seguintes *Um Lusitano*, um luctador, em resposta e refutação da affronta. Este luctador que não teve replica, porque nunca, ou quasi nunca, as tinha, era José Feliciano de Castilho.

Em 1858 soffreu Portugal o ultraje que lhe cuspiu a França, a França não, o governo de Napoleão, na questão da barca *Charles et George*. Soou o villipendio no Brazil, e no *Jornal do Commercio* de 8 de dezembro d'aquelle anno, appareceu um artigo tão notavel, assignado por *Um Portuguez*, que dois jornaes do Equador — *La Republica e La Nacion* o traduziram em hespanhol, e que os corações estremeceram em Pernambuco, no Pará, no Maranhão, no Rio Grande, na Bahia, em toda a parte onde havia portuguezes. A nossa colonia no Rio de Janeiro offereceu-lhe uma penna de ouro; outras lhe foram enviadas de Santos e de Minas Geraes; e Montevideu deu-lhe um album de valor. Este portuguez era José Feliciano de Castilho.

Em 1859 levantou-se na terra de Santa Cruz o boato de que se projectava o casamento de Sua Alteza Imperial a Sr.^a Princeza D. Izabel e o Senhor Infante D. Luiz, duque do Porto. Chegou mesmo a ser objecto de uma interpellação na camara electiva, a que respondeu, negando o fundamento do boato, o sr. presidente do conselho, Silva Ferraz.

Isto foi no dia 19 de agosto. Os paços da Camara mal podiam conter as turbas ávidas que

se haviam apinhado. Dois dias depois, assignado por *Um Portuguez*, lia-se no *Jornal do Commercio* um artigo sobre o assumpto que captivou a sympathia de portuguezes e brasileiros.

Dizia-se ali que com tal casamento nada ganhariam em consideração nem as duas casas reinantes, nem os dois povos governados, nem individualmente os membros das familias, nem os proprios conjuges, porque ambos descendiam do mesmo tronco e sentiam circular o mesmo sangue nas veias; que ambos eram de uma nobilissima raça, que sem um só desvio ia entroncar-se por uma linha recta ascendente em Hugo Capeto, rei de França no seculo x.

Dizia-se ainda que os brasileiros veriam com desfavor um príncipe portuguez no seu throno, e lhe haviam de attribuir, convictos, ou não, todos os successos desagradaveis. Acrescentava, com exemplos tirados da historia, que de casamentos inconvenientes sempre se seguiram consequencias desastrosas.

Este portuguez era o mesmo que nos desaffrontara na questão *Charles et George*, era José Feliciano de Castilho.

E depois, ou defendendo os interesses brasileiros, ou pugnando pelos foros e regalias da patria, estava sempre na brecha com uma mascara transparente que não illudia ninguem, por que o luctador se denunciava logo pela magia do seu estylo, ou se assignasse no *Jornal do Commercio Publicola*, e na *Revista de Santos Felicio de Noronha*; ou se designasse na *Semana* por *D. José da Pampulha*; ou se inscrevesse no *Correio da Tarde* *Juca de Itapirica*; ou em polemica ácerca de theologia se dissesse a *Alma d'Ambrosio Taramella*.

Era um Junins, um Paulo Luiz Courier, e como escriptor reunia todas as qualidades que Cormenin requer no estylo do pamphletario — alternativamente serio, jocoso, positivo, allegorico, simples, figurado, aggressivo ou defensivo. Na sua mão a penna ora se convertia n'um estilete — que feria, ou rasgava o adversario; ora n'um pincel finissimo — que embevecia o leitor, pelos quadros da sua luxuriante phantasia e do seu indisputavel bom gosto.

II

O conselheiro José Feliciano de Castilho, nascido no meio de uma familia em que o talento é proverbial, já aos 17 annos compunha os *Estudantes de Coimbra*, ou um fidalgo como ha muitos, comedia original em 3 actos; aos 18 annos, emigrado em França, batalhava nas barricadas de Paris, e no intervallo do combate escrevia o *Grito de liberdade*, poemeto publicado em julho de 1830; aos 19 annos escrevia com seu irmão Alexandre o *Recueil de Souvenirs pour le cour de Mnémotechnie*, o *Traité de Mnémotechnie* e *Dictionnaire de Mnémotechnie* e ensinava com elle esta sciencia nas principaes cidades da França. E no meio d'isto não deixava nunca de estudar, de manusear os classicos, nem de completar a sua educação academica, formando-se e doutorando-se em direito, philosophia e medicina.

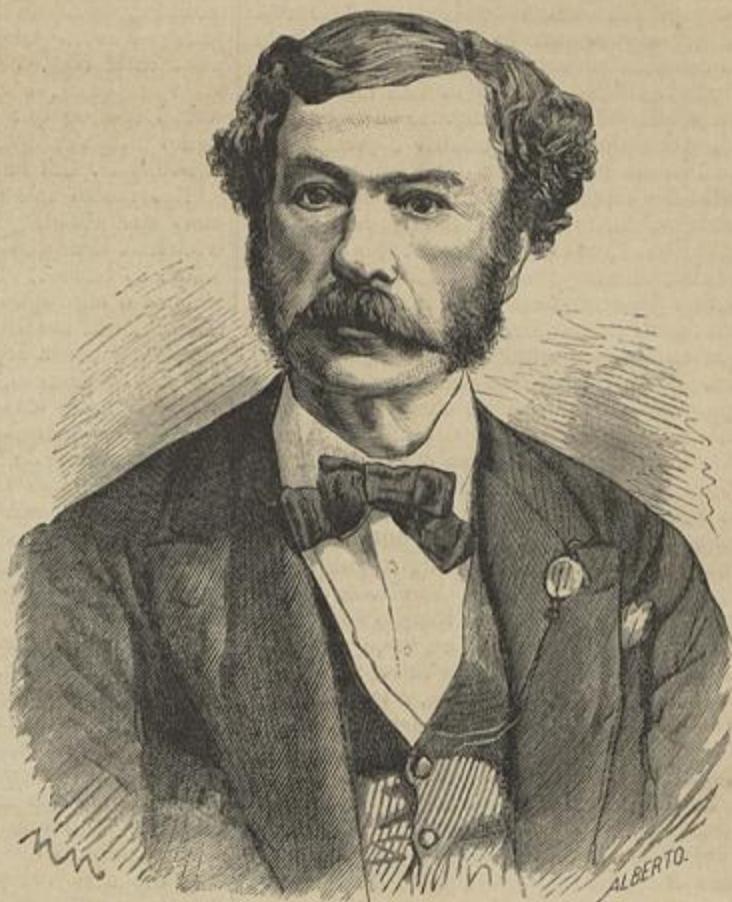
D'aqui lhe provinha a variadissima escala da sua instrução, os seus dotes de aprimorado escriptor e a consciencia que tinha de si para não recuar uma pollegada qualquer que fosse o contendor, tudo realçado pelo seu peregrino talento e pela grande energia do seu character.

Fallando do seu funeral, e traçando em brevisimos traços o seu elogio, uma folha do Rio — a *Gazeta de Noticias*, de 13 de feveiro, escrevia:

«Se fallava era um deleite ouvir-o. A palavra quasi não podia acompanhar as idéas que a seu turno se precipitavam; e se escrevia, ali estão as suas obras, em que se póde admirar a fluencia e correcção do seu estylo. Como poeta, era irreprehensivel na forma; como publicista, era um athleta defendendo as suas idéas. Estudos historicos, estudos classicos, theatro, jurisprudencia, politica, poesia, tudo lhe era familiar, sobre tudo fallava e escrevia com o mais profundo conhecimento. Ouvil-o era aprender.»



VISCONDE DE SANTA THEREZA, GENERAL POLIDORO (BRAZILEIRO)
(Fallecido em 13 de janeiro de 1879 — Segundo uma photographia)



JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO (Fallecido em 11 de fevereiro de 1879)
(Segundo uma photographia de Carneiro Silva & Tavares)

AFRICA PORTUGUEZA



EXPEDIÇÃO DE OBRAS PUBLICAS DE ANGOLA (Segundo uma photographia enviada pelos expedicionarios)

Não ha exaggero n'esta apreciação. Dão testemunho da sua competencia a *Grinalda Ovidiana* junta á traducção dos *Amores de Ovidio*, por Castilho Antonio; a primorosa noticia da vida e obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage, que occupa tres volumes da *Livraria Classica*; a não menos bella noticia sobre a vida e obra de Fernão Mendes Pinto, em frente dos excerptos das *Peregrinações*, na mesma *Livraria*; e quantos volumes, e quantos opusculos, e quantos artigos deixou disseminados pelas folhas volantes do jornalismo, verdadeiras gemmas que, em parte, estão hoje perdidas para o livro, e, quem sabe, se para a historia.

E tudo isto como, quando e de que modo? Tudo isto escripto nos raros momentos que lhe era licito arrancar a indefectíveis occupações, que na phrase d'elle mesmo, eram antipodas das letras!

Poude conhecê-lo quando veiu a Lisboa em 1867, e depois em 1870. N'uma assembléa, por numerosa que fosse, distinguia-se aquelle homem, entre centenaes d'elles, pela sua conversação sempre animada, pela vivacidade dos seus gestos, pela natural altivez do seu porte e

BELLAS ARTES



DOIS AMIGOS (quadro de Columbano Bordallo Pinheiro — desenho do mesmo auctor)

pelo vigor que punha em tudo que dizia e fazia. Era como a electricidade que se communicava, ou que prendia, subjungando, quantos o escutavam. Que admira que com tão distinctas e privilegiadas qualidades, preparasse com o jornal politico *A Restauração da Carta*, desde 1842 a 1846, a contra-revolução de 6 de outubro d'este ultimo anno, de que elle, cartista intransigente, foi a cabeça, o conselho, o instigador, para d'ali tirar por premio os desgostos que o levaram no anno seguinte a deixar a patria, a que podia, como deputado e como estadista, ter prestado relevantissimos serviços?

Mas basta e concluamos, que não escrevemos agora um estudo biographico.

O conselheiro José Feliciano de Castilho tratava de liquidar os seus negocios no Brazil e voltar de vez á patria no presente março, para aqui findar os seus dias e descansar no inverno da existencia. Planeava tambem publicar todas as suas obras que deitariam, segundo o seu calculo, a 15 volumes, entrando n'ellas como parte principal, a sua magnifica traducção em verso da *Pharsalia*, de Lucano, com a *Grinalda Luca-*

AFRICA PORTUGUEZA



BOLAMA CAPITAL DA NOVA PROVINCIA GUINÉ PORTUGUEZA (segundo uma photographia)

niana, e a traducção do theatro de Schiller, tambem em verso. D'este estava já na imprensa, em Lisboa, a *Maria Stuard*.¹

Quando taes propositos lhe occupavam a mente, quando a saudade da sua terra, da sua familia e dos amigos que ainda aqui tinha, lhe andava mais acceza no coração, cahê com um ataque cerebral em 23 de novembro ultimo, e logo a medicina desconfia de o poder salvar. No dia 12 de fevereiro chegam-nos cartas, que accordavam uma esperança, porque nos diziam que ia um pouco melhor, e que já começava a dar pequenos passeios. No dia seguinte, 13, o telegrapho, com a sua fria impassibilidade, rouba-nos a esperança da vespera, e em duas palavras nos traz o triste desengano — *Falleceu Castilho*.

Irrisão do Destino!

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

AFRICA

OS ZULUS DO SUL — KETCHUAYO²

I

Um viajante africano, por muitos annos residente na ex-republica de Transvaal, contou a quem escreve este artigo, pelos ter pessoalmente conhecido, muitos dos seguintes factos:

Nos trabalhos agricolas e na exploração das minas dos dois Estados hollandezes do sul da Africa (o do rio Orange e o de Transvaal), — bem como nas plantações de assucar dos proprios colonos inglezes,³ — os indigenas são empregados em larga escala. Em 1875 mais de 25:000 Cafres trabalhavam no Estado de Orange em virtude de contractos livremente feitos de parte a parte.

Muitas tribus porém obrigavam sempre os governos dos Boers ora a combater-as ora a fazer com ellas tratados que pouco tempo depois se violavam.

Entre essas tribus principalmente distinguiremos os Zulus, incomodando os colonos do Transvaal, e os Basutos inquietando os do Orange.

Para os habitantes dos dois Estados hollandezes era opinião segura, de que a Inglaterra fomentava estas desintelligencias, animando os cafres a combater, por meio dos seus agentes e fornecendo-lhes armas aperfeçoadas, por meio dos seus fabricantes.

Os viajantes inglezes não perdiam occasião de insinuar, entretanto, que essas armas eram pelos Zulus importadas atravez dos territorios portuguezes. (W. A. B. Cameron, H. Rowley, etc.)

Mochech, chefe dos Basutos, — depois de ter tambem uma vez derrotado os inglezes, — collocou por fim a sua tribu sob o protectorado da Grã-Bretanha e esta começou uma longa serie de communicacões diplomaticas que faziam a Republica do Transvaal responsavel pelas consequencias que da sua lucta com os Zulus podiam vir ás colonias inglezas do Natal e do Cabo.

Depois d'este primeiro passo, o segundo consistiu, no mesmo caminho, em a Inglaterra propôr, como meio de defeza contra os indigenas, a federaçào das colonias inglezas do sul d'África com os dois estados de origem hollandeza. Esta idéa, antipathica ás proprias colonias do Cabo e do Natal, independentes uma da outra desde 1856, era sobre tudo contraria ao sentimento da populaçào hollandeza, conquistada em 1796, annexada em 1806, e sempre, na sua grande maioria, hostil á Inglaterra.

Para os Estados independentes dos Boers

¹ Sabemos que é tenção da sua familia publicar todas as obras que estejam revistas e tenham a ultima lima, do mesmo modo que elle projectava. Parabens aos amigos das letras.

² Escrevemos este nome, — que os inglezes escrevem *Cetwayo*, — de accordo com o modo como, segundo o viajante missionario Rowley, elle se deve pronunciar.

³ *Camp Life and Sport in South Africa*, by T. S. Lucas, 1879, London.

todo o futuro desenvolvimento estava pelo contrario ligado ao estabelecimento de faccis communicacões com os portuguezes de Lourenço Marques, atravez dos Zulus e de uma facha, de cincoenta a cem milhas de largura, onde a mosca tsetse mata o gado.

Um bello dia, porém, a Inglaterra, com o fim officialmente expresso de pacificar o sul da Africa e de arredar das suas colonias o perigo de uma invasão indigena, acabou com a Republica do Transvaal annexando-a.

Isto aconteceu, como se sabe ha dois annos.

Ainda a conquista não havia sido consummada e já os annuarios inglezes de mais credito¹ não contavam, nas suas noticias estatisticas, com os dois Estados independentes do Sul da Africa.

II

Em 1828 Chaca, o grande chefe zulu, foi assassinado por seu irmão Umslangaan,² o qual, poucos dias depois, foi com os seus partidarios morto, por Dingaan, um outro seu irmão, a quem Panda, um terceiro irmão, succedeu, no governo d'aquelles povos, até 1872.

Foi Panda o pae de Ketchuayo, que é assim sobrinho do extraordinario Chaca. E, segundo as próprias expressões dos Zulus, a Panda, o gordo, succedeu Ketchuayo o de pés ligeiros e de mãos activas.

E' já uma tradiçào entre os Zulus, e sobre tudo entre os membros da sanguinaria dynastia dos seus chefes, que no dia em que um novo chefe é como tal reconhecido, sejam mortos todos os que se lhe suppõe contrarios. Muito antes de assumir o governo da sua tribu já Ketchuayo tinha feito matar cinco dos seus irmãos.

A subida ao poder de Ketchuayo interrompeu, em parte, esse costume, em circumstancias extraordinarias que é interessante conhecer.

Um dia, ha quatro annos, Sir Theophilus Shepstone, secretario dos negocios relativos aos indigenas na colonia ingleza do Natal, acompanhado por uma consideravel escolta ingleza, dirigiu-se, a pedido dos chefes principaes dos Zulus e em nome do governo da colonia, a assistir, na principal povoação d'aquelles, á proclamaçào, como chefe, de Ketchuayo.

A tribu recebeu o representante inglez com todos os signaes de regosijo e este fez aceitar pelos chefes, como leis, muitas disposições que alteravam, tornando-os menos selvagens, os costumes d'aquelles povos.

Foi Ketchuayo o proprio que publicamente ordenou que essas leis se cumprissem.

Passaram tempos. Os mesmos elementos que fizeram sair d'entre os Zulus, Chaca, o grande conquistador, caracterisam estes povos, sobre tudo desde então, como essencialmente guerreiros.

A lenda formada em volta dos successos da primeira conquista dá-lhes hoje, quando combatem, uma quasi certeza religiosa de victoria.

Uma organisaçào militar, conhecimentos de tactica, e armas que um escriptor inglez já em 1877 dizia serem do mais perfeito e moderno typo, — e fornecidas, como muito bem se sabe hoje, (com ou sem intençào official) pelos proprios inglezes, — fizeram voltar contra a Inglaterra uma força que, pelo ser, não podia conservar-se ociosa. Em 1873 os Zulus estabeleceram uma fabrica de polvora com o nome de *Mainze-Kanze* que significa «Que venham os inimigos agora!»

O heroe da actual guerra é o mesmo Ketchuayo que ha quatro annos pedia ás auctoridades inglezas para lhe assistirem á coroaçào. Este chefe viveu muito tempo na sua mocidade, como Chaca, entre os colonos inglezes. Da sua biographia é difficil hoje apurar traços seguros.

Tres ordens de lendas se lhe estão formando em volta: A primeira, — a unica verdadeiramente interessante, é a que a superstição dos proprios Zulus todos os dias, pouco a pouco,

¹ *States man's Yearbook*, by F. Martin after official returns. London, 1876.

² Vidé: *Africa — O valle do Zambeze, II. — OCCIDENTE*, pag. 26.

edifica como um verdadeiro romancero. A segunda é feita, a frio, pelos correspondentes africanos dos jornaes, e a terceira é redigida, mais simplesmente ainda, na Europa ou na America, pelos proprios redactores das gazetas espectaculosas.

Falla-se muito das numerosas concubinas de Ketchuayo, e, entre estas, de mulheres inglezas e portuguezas, algumas das quaes, segundo dizem, o acompanham nos combates. Não me parece porém seguro, — mesmo que ellas possam provar direitos a essas duas nacionalidades, — o garantir aos leitores do OCCIDENTE, a côr rosada da cutis, ou o louro doirado dos cabellos d'essas damas.

Os viajantes tinham porém de ha muito Ketchuayo como um homem de notavel prudencia e de forte caracter, venerando particularmente a heroica tradiçào de seu tio, e, por isso, disposto a imital-o. O retrato que o OCCIDENTE publica foi tirado pelo sr. Eduardo Tilt n'uma viagem que fez, em 1877, do Natal á Zulandia.

Esriptores inglezes suppõem que os Zulus podem armar e oppôr á Inglaterra mais de 200:000 homens (*a quarter of a million well armed men*¹) e que, por isso, para esta nação, o custo de uma tal guerra será enorme (*enormous*).

ALBERTO DE CERVAES.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL POLYDORO
VISCONDE DE SANTA THERESA

Acompanhamos de poucas palavras, singelas mas sinceras, o retrato do valente general brasileiro que hoje figura nas paginas do OCCIDENTE, não por que os feitos d'este distincto homem de guerra não sejam notaveis, ou assignaladas as suas acções de estadista e de cidadão; mas simplesmente porque quando se traça a biographia de um homem como o general Polydoro, os seus feitos heroicos ainda recentes, conservam-se tão vivos na memoria dos povos, que é ocioso e desnecessario relembra-los.

O general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Santa Theresza, nasceu no Rio de Janeiro em 2 de novembro de 1800. A sua carreira militar e politica é bem conhecida de todos os brasileiros, votada incessantemente ao serviço da patria, até que a lucta heroica do Paraguay pôz em evidencia os meritos assignalados do bravo e disciplinado militar.

O general Osorio commandante do exercito em operações contra o Paraguay, tendo requisitado a nomeação de um official de confiança para o substituir nos seus impedimentos, o governo nomeou o marechal Polydoro não só para esse fim, mas tambem para substituir, sendo preciso, o visconde de Porto Alegre no commando do segundo corpo. O marechal partiu, e pouco depois de chegar, tendo-se agravado os padecimentos do barão de Herval, assumiu o commando do primeiro corpo, encetando os seus trabalhos com a sanguinolenta batalha de Carupaity em que as forças do seu commando fizeram frente, com o maior heroismo, á metralha do inimigo acobertado por inacessiveis intrincheiramentos.

O general Polydoro além do titulo de visconde com que fôra agraciado pela munificencia imperial, possui mais a grã-cruz de S. Bento de Aviz, a dignitaria do Cruzeiro, a commenda da Roza, a medalha de merito e bravura militar e a da guerra do Paraguay, condecorações que todas assentavam bem no peito do valente soldado, modelo do brio e da disciplina, sempre querido dos seus quer nas lides da guerra, quer nos remansos da paz.

A PUBERDADE, ESTATUA DE SIMÕES D'ALMEIDA

Esta graciosa obra d'arte do nosso distincto esculptor, figurou na exposiçào universal de Paris, aonde foi premiada com a medalha de bronze. O author do *D. Sebastião*, da *Saudade*, e de tantos outros primores artisticos, revela-se aqui o mesmo artista consumado, pelas distinctas qualidades que caracterisam os productos do seu cinzel — pela correcção e pureza das linhas, pelo rigor anatomico da figura, pela graça da attitude, pela traducção nitida do estado physiologico que pretende exprimir. Uma obra d'arte quando se apresenta, embora n'uma reproducção ligeira, como agora, dispensa descrições minuciosas; nem aqui é o logar para se fazer a sua critica. Limitamo-nos por isso a apontar ao critério do leitor, que depois de a contemplar em gravura

¹ *The Times*, Weekly-edition.

a pode ainda admirar no original, em mármore, tamanho natural, no atelier do artista, aguardando o momento d'algum admirador de bom gosto a desejar adquirir para enriquecer as suas collecções.

EXPEDIÇÃO D'OBRAS PUBLICAS D'ANGOLA

A nossa estampa representa um grupo do pessoal tecnico e trabalhadores, a quem foram especialmente incumbidos os estudos do caminho de ferro de Loanda a Ambaca. Esta expedição partiu de Lisboa em maio de 1877, depois de votadas pelo parlamento as verbas necessarias para se levar a cabo um empreendimento tão vantajoso para a provincia d'Angola. Como se sabe Ambaca é um ponto aonde conflua a maior parte do commercio do interior; ligar este ponto com o litoral por meio d'uma via ferrea, é abrir aquella região africana um futuro de grandes prosperidades.

O traçado está quasi concluido, e findo elle os expedicionarios emprenderão novos trabalhos, tão urgentemente reclamados pelos interesses d'aquella rica possessão.

A nossa gravura é reproduzida d'uma photographia tirada na cidade de S. Paulo de Loanda. Os combatentes d'esta nova cruzada civilisadora, os que vão levar aos indigenas todos os beneficios da paz e nenhum dos horrores da guerra, constituem com os seus pittorescos trajos de trabalho um grupo sympathico que fica bem nas paginas do OCCIDENTE.

DOIS AMIGOS

QUADRO DE COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

É simples e desprezencioso este pequenino quadro; entretanto ha um toque de tão sentida melancolia na expressão d'aquelle pequenito que abraça o seu pobre cão, um animalinho esperto e vivo, porventura sem outra affeição e outro protector no mundo, que não podemos deixar de o contemplar um momento com sympathia.

Não é de certo um grande assumpto uma obra poderosa, d'aquellas que se impõem á reflexão dos pensadores, entretanto nem por isso deixa de revelar uma acentuada vocação artistica como é inegavelmente a de Columbano Bordalo Pinheiro, que já ha dois ou tres annos executou este pequenino quadro que hoje para, ao que se suppõe, em terras brazileiras.

Elle ahí fica pois reproduzido nas paginas do OCCIDENTE, a fim de que se não perca de todo a memoria d'esta obra que representa uma premicia lisongeira d'um trabalhador intelligente e de boa vontade, a quem indubitavelmente está reservado um lugar distincto no nosso limitado mundo artistico.

BOLAMA, CAPITAL DA NOVA GUINÉ PORTUGUEZA

A Guiné portugueza acaba de ser elevada á cathogoria de provincia ultramarina tendo por capital a ilha de Bolama, representada pela nossa gravura n'um dos seus pontos mais pittorescos.

Esta ilha tem de comprimento 8 milhas de E. a O., e 3 a 4 milhas de N. a S. orçando a sua população por cerca de 3:800 habitantes segundo as ultimas estatísticas. É dotada das mais favoraveis condições para a cultura do café e de todos os productos dos climas tropicaes, consistindo hoje a sua riqueza especial em grandes mattas virgens que fornecem magnificas madeiras de construcção. O solo compõe-se de pequenos fragmentos de pedras siliciosas e ferruginosas cobertos de uma camada de terra não muito espessa. Cultiva especialmente o mendobi ou *mancarra*, o milho, a amendoa e o azeite de palma, sendo em 1875 esta producção avaliada em 258:170\$738 réis. A industria da pecuaria, auxiliada devidamente, tambem pôde tomar proporções favoraveis a um grande desenvolvimento de riqueza n'esta ilha.

Bolama fica situada a 11° 31' 34" latitude norte e 6° 23' longitude oeste de Lisboa, entre os rios Bolola e Guinala, e pôde ser considerada como o extremo N. da entrada do Rio Grande de Guinala ou de Biguva. Foi descoberta pelos portuguezes em 1446. Pertencia em 1607 ao rei de Guinala que n'essa epoca ameaçado pelas invasões dos hijoz a offereceu á corda de Portugal, apenas com a condição de o proteger contra o ataque dos seus inimigos. Portugal não fundou então presidio nem estabelecimento algum na ilha de Bolama, assegurou porém o direito do posse que a Inglaterra ainda recentemente pretendeu contestar, apoiando-se no facto de em 1792 ter alli sido estabelecida uma feitoria ingleza.

É bem conhecida esta questão diplomatica em que serviu de arbitro o general Grant, presidente da república dos Estados Unidos, que decidiu o pleito a favor de Portugal, em 1870.

Oxalá que os ultimos esforços da metropole em favor da Guiné surtam os effeitos desejados, e que esta ilha bem administrada atinja o grau de prosperidade de que é susceptivel pelas condições especiaes do seu clima e da sua situação geographica.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

Indícios d'atmosfera lunar se manifestam igualmente seguindo com o telescópio o prolongamento das hastes do crescente durante as primeiras noites que seguem a lua nova. Tem-se notado muitas vezes que este crescente se prolonga muito além do ponto aonde geometricamente deveria terminar. Este prolongamento da luz solar, que já foi medida n'uma longitude excedente a um minuto, não pôde ser produzida senão por um effeito de refração atmospherica. Noiemos a proposito que não nos é possível observar taes indícios senão acima da aresta da lua formada pela altura media das montanhas, quer dizer, a uma grande elevação acima do nivel medio dos mares ou das planicies e que todas estas medidas nada provam em quanto ao estado do ar nos planos inferiores.

Outra observação importante. A densidade do ar sobre um planeta qualquer depende da attracção d'esse planeta. Todo o peso sobre a terra seria duplo se a attracção terrestre fosse dupla, e metade do que é se a attracção diminuísse metade, e assim por diante; ora este facto applica-se tanto á atmosfera como a qualquer outra substancia. Se a gravidade terrestre se reduzisse á da lua, a pressão atmospherica e a densidade do ar ficariam reduzidas á sexta parte do seu estado actual. Uma dada quantidade de ar ao nivel dos mares occuparia mais logar e a atmosfera inteira se dilataria n'uma porporção correspondente: subiria seis vezes mais alto. Se houvesse pois sobre a lua uma atmosfera constituída como a nossa, essa atmosfera subiria seis vezes mais alto do que a da terra; ao nivel medio das planicies lunares a pressão seria igual á sexta parte d'aquella do nosso ar ao nivel dos mares. Assim, ainda que os Selenitas tivessem por metro quadrado tanto ar como nós temos, elles teriam em todo o caso uma atmosfera muito mais rarefeita: uma atmosfera ainda irrespiravel para nós. Suppondo entretanto que ella seja differentemente constituída e d'uma densidade seis vezes maior do que a da nossa, ella não teria em razão da fraqueza da attracção lunar mais do que a densidade da que nós respiramos, elevando-se contudo á mesma altura.

A lua pôde todavia possuir uma especie de atmosfera inteiramente differente da nossa.

O nosso ar é uma mistura d'oxigenio e d'azote, e não uma combinação chimica d'estes gazes, e não ha necessidade alguma de que a porporção da mistura seja tal qual ella é. Esta porporção poderia ser muito differente na atmosfera d'um corpo celeste. Pode-se mesmo conceber uma atmosfera composta d'outros gazes. O acido carbonico, por exemplo, que não existe senão em pequenissima quantidade na nossa atmosfera, poderia formar a maior parte da composição d'uma outra. Não seria mesmo d'admirar que este gaz, que se desenvolve na maior parte das operações da chimica mineral, e em particular dos volcanes, existisse á superficie do nosso satellite, descendo aos niveis inferiores como acontece aqui nas regiões vulcanicas taes como na Gruta do cão perto de Napoles. Este gaz subsiste muito tempo depois das erupções como nós vemos tambem no Auvergne. A cor sombria e variavel de certos circulos e de certos valles, attribuida muito racionalmente a vegetaes, ficaria assim perfectamente explicada, e poderia acontecer tambem que lá existissem gazes inteiramente desconhecidos da nossa sciencia.

(Continúa.)

CAMILLO FLAMARION.

CANNIBALISMO N'UM COMBOIO

NARRATIVA HORROROSA

(Continuado do numero antecedente)

A um signal, tornou a reunir a assembléa, proseguiu a sessão, e a commissão apresentou o seu parecer no qual propunha como candidato o George Fergusson, do Kentucky, Luciano Herman, da Luisiana, e W. Messick, do Colorado.

Foi admittido o parecer.

Mr. Rogers, do Missouri:

— Senhor presidente, como o parecer está definitivamente apresentado, proponho uma emenda, substituindo o nome de Mr. Herman pelo de Mr. Lucius Harris, de S. Luis, que entre nós todos gosa de muita estima e reputação. Não se supponha que eu quero com isto

lançar a mais pequena suspeita sobre o elevado character e posição do cavalheiro da Luisiana, — longe d'isso. Respeito e estimo-o tanto quanto o podem estimar e respeitar os cavalheiros aqui presentes; mas nenhum de nós pôde fechar os olhos ao facto de ter aquelle senhor perdido mais carne durante a semana que aqui havemos estado do que qualquer de nós — ninguém pôde outro sim fechar os olhos ao facto de que a commissão faltou aos seus deveres, ou por negligencia ou por algum outro motivo mais grave, apresentando aos nossos suffragios um cidadão que, por muito puras que sejam as suas rasões, tem incontestavelmente poucas qualidades nutritivas...

O Presidente:

— Chamo á ordem o cavalheiro do Missouri. A meza não pôde consentir que se discuta a integridade da commissão, salvo conforme as praxes, segundo o que o regulamento determina. O que resolve a assembléa a respeito da emenda apresentada?

Mr. Halleday, da Virginia:

— Proponho nova emenda ao parecer, substituindo Mr. Harvey Darvis, do Missouri, por Mr. Messick. Talvez que os senhores ponderem que os trabalhos e privações da vida da fronteira tem tornado duras as carnes de Mr. Davis; mas senhores, é por ventura occasião agora de attendermos a durezas? é agora occasião de olharmos a bagatellas? é agora occasião de disputarmos sobre mesquinhez? Não, meus senhores, volume é o que desejamos — substancia, peso, volume — eis agora os supremos requisitos — nem talento, nem genio, nem educação. Insisto na emenda.

Mr. Morgan (muito excitado):

— Senhor presidente, opponho-me muito e muito terminantemente a esta emenda. O cavalheiro do Oregon é velho, e demais é volumoso só em osso, não em carne. Eu quero perguntar ao cavalheiro da Virginia se é de sopa que precisamos e não de solida substancia? Se nos quer illudir com sombras? Se pretende caçar da nossa agonia com um espectro oregoniano? Eu sempre lhe quero perguntar se pôde olhar para os rostos afflictos que o rodeiam, se pôde fitar os nossos tristes olhos, se pôde escutar as pulsações dos nossos corações expectantes, e continuar a metter-nos á cara a sua esfomeada fraude? Eu sempre lhe quero perguntar se pôde attentar no nosso estado desolador, nos nossos passados soffrimentos, no nosso negro futuro, e empurrar-nos esse cavaco, essa ruina, essa burla alimenticia que mal se pôde sustentar nas pernas, esse vagabundo, ossudo, resequido, falto de succo, oriundo das inhospitas plagas do Oregon? Nunca, senhores, nunca! (*applausos*)

Posta á votação a emenda, depois de acalorada discussão, foi reprovada. Mr. Harris foi substituido na primeira emenda. Principiou então o escrutinio. Succederam-se cinco sem resultado. Ao sexto foi eleito Mr. Harris, votando todos menos elle. Propoz-se então que a sua eleição fosse ratificada por aclamação, o que não se effectuou rigorosamente, em consequencia d'elle tornar a votar contra si!

Mr. Radway apresentou uma proposta para que a assembléa passasse a uma eleição para o almoço, aproveitando os candidatos restantes.

A proposta passou.

Com as costas dos bancos fizemos mezas, e com o coração repassado de fundo reconhecimento abancámos ao mais delicado almoço que nos tinha deleitado a imaginação durante sete dias de tortura. Que mudança faziamos do que eram poucas horas! Ha pouco, desespero, tristeza, desventura, fome, raiva, ansiedade febril, agora, — gratidão, serenidade, alegria muito profunda para se poder exprimir. Aquella foi a mais ditosa hora da minha aventureira vida. O vento uivava, fazendo redopiar a neve em roda da nossa prisão, mas vento e neve já não conseguiam affligir-nos. Eu gostava de Harris. Podia estar mais bem feito, mas posso afoutamente dizer que nunca nenhum homem se conformou melhor commigo do que Harris, ou me proporecionou satisfação em maior grau. Masick estava muito bom, embora tivesse

seu excessivo de fragrança, mas quanto ao que verdadeiramente se chama qualidades nutritivas e delicadeza de fibra, fallem-me no Harris. Messick tinha suas coisas boas — não procuro nem desejo negal-o — mas era tão proprio para um almoço, como poderia ser uma mumia — mesmo nada proprio. Magro! — ih! Deus nos acuda! e duro? Ah! era muito duro! Não imagina — não seria capaz de imaginar uma coisa assim.

— Pois o senhor quer dizer com isso que...

— Perdão, não me interrompa. Depois do almoço escolhemos para a ceia um homem do Detroit, por nome Walker. E era excellente. Assim o mandei depois dizer a sua mulher, n'uma carta. Digno de todo o elogio! Nunca me hei de esquecer de Walker. Não estava muito passado, mas estava bom. Na manhã seguinte tivemos para o almoço Morgan de Alabama. Um dos homens mais deliciosos a que já mais me sentei; — bello, boa educação, distincto, fallava fluentemente muitas linguas, — um perfeito cavalheiro e extremamente succolento. Para a ceia tivemos aquelle patriarcha do Oregon, e era com effeito uma fraude, não admitte duvida — velho, descarnado, duro, ninguem pode fazer uma idéa da realidade. Não pude conter-me que não dissesse:

— Meus senhores, façam o que quiserem, mas eu espero por outra eleição. E Grimés, do Illinois, disse igualmente: — Meus senhores, eu esperarei tambem. Quando elegerem um sujeito em quem haja alguma coisa que o recomende, terei muito gosto em lhes fazer outra vez companhia. Depressa se conheceu que reinava geral desgosto contra o Davis Oregon, e por isso, para manter as boas disposições que prevaleciam desde que tiveramos o Harris, procedeu-se a nova eleição, a qual deu em resultado a escolha de Baker, da Georgia. Era magnifico! Muito bom. Depois tivemos Doolittle, Hawkins, Mc Elroy, (houve algumas queixas a respeito de Mc Elroy, porque era extremamente baixo e magro), Penrod, os dois Smiths, Bailey (Bailey tinha uma perna de pau, o que foi carne perdida, mas fóra d'isso era bom) um rapaz indio, um tocador de realejo e um cavalheiro por nome de Buckminster — um pobre esgalgado que não servia para companhia, nem prestava para almoço. Estimámos tel-o escolhido quando estava para chegar o soccorro.

— Com que então o bemaventurado soccorro sempre chegou a final?

— Sim, senhor, chegou n'uma manhã de sol esplendido, logo depois da eleição. John Murphy era o escolhido, e nunca o houve melhor, estou prompto a testemunhar. Mas John Murphy regressou connosco, no comboio de soccorro, e viveu para casar com a viuva Harris.

— Viuva de...

— Viuva do nosso primeiro eleito, do nosso primeiro prato. Casou com ella, e ainda vive, feliz, respeitado e prospero. Ah! senhor, aquillo foi uma especie de novella, de romance. Aqui é onde eu fico, senhor; tenho de lhe dizer adeus. Se alguma vez lhe appetecer, venha estar comigo dois ou tres dias, estimarei tel-o na minha companhia. Gosto do senhor. Sympathizei comsigo. Parece-me que podia gostar



KETCHUAYO, REI DOS ZULUS (Segundo um desenho do viajante Eduard Tilt.)

do senhor tanto como gostei do proprio Harris. Adeus, bom dia e boa jornada.

Foi-se, nunca na minha vida me sentira tão atordoado, tão oppresso, tão fóra de mim. Do intimo estimava immenso que elle se tivesse ido. Com toda a sua amabilidade de maneiras e doçura de voz, eu estremecia quando volvia sobre mim o seu olhar faminto. E ao ouvir-lhe que havia captado as suas sympathias, e que na sua estima eu estava quasi a par do finado Harris, o meu coração cessou de bater.

Não se pôde descrever a minha confusão. Não duvidava da sua palavra. Não podia desconfiar do mais simples promenor n'uma narrativa em que tão distinctamente se manifestava o cunho da verdade; mas aquellas horrendas particularidades, repito, aniquilavam-me e punham-me em desesperada confusão. Vi o conductor a olhar para mim. Perguntei-lhe: Quem é aquelle homem?

— Foi em tempos membro do Congresso, e membro distincto. Mas uma vez, viajando em caminho de ferro, as neves sepultaram-lhe o comboio, e esteve quasi a morrer de fome. Ficou tão maltratado da geada, tão regelado e tão debilitado por falta de alimentos, que adoeceu e saiu do seu juizo dois ou tres mezes depois. Está agora bom, não passa de monomaniaco, e quando começa a fallar n'aquelle caso de outros tempos, não se calla em quanto não come aquella carregação de gente a que se refere. A estas horas já elle tinha acabado com toda a turba, mas devia-se appear aqui.

Sabe-lhes os nomes na ponta da lingua. Quando acaba de comer todos, e só falta comer-se a si proprio, diz sempre: Então tendo chegado a hora do almoco, e não havendo opposição eu fui devidamente eleito, depois do que, não se apresentando objecção alguma; resignei. Aqui estou pois!

Senti inexprimivel allivio ao saber que apenas tinha estado escutando os inoffensivos desvarios de um louco, em logar das verdadeiras experiencias de um cannibal sedento de sangue. ¹

A. M. DA CUNHA E SÁ.

¹ Do volume Sketches, do escriptor humorístico americano Mark Twain.

BIBLIOGRAPHIA

FESTIM ROMANO, por Freitas Costa. — É uma pagina do *Satyricon* de Petronio, trasladada a opulentissimos versos portuguezes, e offerecida ao dr. Thomaz de Carvalho. Freitas Costa é um moço d'assignaladas qualidades litterarias, um poeta delicadissimo, já revelado por varias filigranas e joias d'apurado lavor poetico, espalhadas por diversas folhas periodicas do paiz. Esta pagina de Petronio, denuncia-nos um habil manejador do metro e um intelligente interprete do velho poeta pagão. É uma centena de versos soltos, aonde se repercutem as harmonias e os cantos lubricos d'uma bachanal romana, sem que um só momento se note frouxidão, ou se faça sentir a necessidade da rima. Quando se possuem taes qualidades poeticas, e se é moço, traslada-se Petronio por desfastio, mas voltasse depressa para o nosso tempo. Freitas Costa manifesta-se um poeta de talento adiantado e de estro pouco vulgar.

PHOTOTYPIAS DO MINHO, por José Augusto Vieira — Porto, Empresa da Bibliotheca Nacional, rua do Almada, 209.

— Este livro revela um escriptor d'assignaladas qualidades litterarias. Vacillante ainda, com certas exuberancias de rhetorica por vezes, mas em todo o caso com o sentimento da cor e a sciencia da perspectiva, sabendo copiar já muito bem os seus quadros do natural. O livro tem umas pertencões de modernismo mal disfarçadas que se revelam logo no titulo, mas os defeitos, que são aliás indicios de que o espirito do auctor tem ambições de voar alto, resgatam-se por muitas descrições feitas sobre a natureza viva e palpitante, por muitos traços de observação juste e minuciosa. Applaudimos pois este livro como promessa lisongeira de outros que terão um assignalado logar na litteratura nacional.

ENIGMA

ZEBEDEU SENIOR.



Explicação do enigma do n.º antecedente:
Na arca aberta o mais modesto é ladrão.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6